

PROTÁSIO FRIKEL

ACULTURAÇÃO INTERTRIBAL NA REGIÃO DO
TUMUCUMAQUE

Sobretiro del XXXV Congreso Internacional de Americanistas
MÉXICO, 1962



SEP

Actas y Memorias

MEXICO, 1964

570.81
F912

ACULTURAÇÃO INTERTRIBAL NA REGIÃO DO TUMUCUMAQUE

Protásio Friel

FALANDO em aculturação¹ de grupos primitivos, geralmente tem-se em mente os processos de adaptação ou integração cultural com a civilização moderna. Este assunto, hoje em dia, tornou-se o mais preferido em estudos desta matéria, porque os seus princípios e processos são mais controláveis, os seus resultados mais palpáveis. Todavia existem ainda outras modalidades de aculturação não menos interessantes, nem menos importantes, a saber tipos de aculturação em níveis bilateralmente assim chamados "primitivos". Sem dúvida: Tratando-se por exemplo de duas culturas primitivas que se influenciam, os resultados destes processos não deixam de dar origem, outra vez, a um tipo de cultura semelhante, embora de níveis modificados ou até diferentes, mas frequentemente um pouco mais elevados. Assim, em grande parte, as chamadas culturas primitivas atuais não são mais as "primitivas" no sentido de originais, pois já são o resultado de processos de aculturação anteriores com outras culturas, também primitivas, e talvez, entretanto já extintas ou absorvidas.

Na região amazônica e especialmente das Guianas (área que melhor conhecemos) encontramos ainda muitos grupos indígenas de culturas e níveis culturais entre si diferentes, onde vários tipos de aculturação podem ser observados. Visto que estes grupos, hoje em dia, não estão mais fora do alcance das frentes pioneiras da civilização, poderemos aí distinguir processos de aculturação em dois rumos, por um lado em relação à civilização moderna, por outro lado em relação a outras culturas indígenas. Excluiremos, no seguinte, a primeira forma (processos de aculturação com a civilização moderna) e trataremos somente da segunda (processos de aculturação interindígena).

¹ Desde que a aplicação do conceito de "aculturação" varia um tanto entre los cientistas, seja anotado que aqui é usado, basicamente, como un proceso que se realiza "em termos de contato entre dois ou mais grupos humanos de culturas diferentes" (Kroeber, 1953:72. *Anthropology Today*). Para o nosso escopo, porém, é necessário ampliar um pouco o conceito indicado, abrangendo também contactos entre grupos humanos de culturas semelhantes, porém de níveis diferentes (como acontece entre grupos aruak e karib). Por outra, devido a natureza do presente trabalho, excluem-se, considerações sobre contactos com nossa civilização. No caso presente, a sugestão de Ortiz (Kroeber, loc. cit.) de substituir o termo de aculturação pelo de "transculturação", talvez ache uma aplicação adequada.

F912

Considerando a área indicada, as Guianas e a Amazônia Brasileira parecem oferecer uma triplice modalidade de aculturação interindígena que poderemos chamar de: interétnica, intertribal e intergrupal.

a) A aculturação interétnica - Esta pode dar-se, onde por exemplo grupos de etnia² diferentes entram em contactos ou se chocam com culturas diferentes ou culturas semelhantes, porém de níveis culturais diferentes. Áreas deste tipo de aculturação podemos observar no Território de Amapá entre grupos tupí, aruak e karib (Oyampí, Palikur, Galibi); no Rio Negro e Rio Branco entre grupos aruak, pano, karib e isolados (Tucuna, Hací, Chirianá, Taulipang, Arekuná, etc.); ou ainda no alto Rio Xingu entre aruak (Waurá, Mehinakú), karib (Kalapalo, Kuikuru, Nahukwá, Bakairi), jê (Suyá), tupí (Awetí, Kamayurá, Yurúna) e outros isolados (Trumáí, etc.). É de notar porém, que uma etnia diferente não presuppõe, necessariamente, um tipo de cultura diferente, embora as mais das vezes assim aconteça. Os aruak e karib atuais das Guianas por exemplo são de etnias diferentes, mas a sua cultura e seus níveis culturais são bastante semelhantes. Isto não exclue que, por sua vez, no passado entre estes grupos não tenha havido aculturação interétnica em larga escala, seja no sentido de que, o que hoje poderíamos chamar de "cultura karib" não é outra coisa senão uma forma de adaptação influenciada pelos aruak, ou ainda que ambos os tipos de cultura, aruak e karib, provenham das influências de um terceiro fator mais distante, por ora não atingível por nós.

b) A aculturação intertribal - Poderemos chamar assim uma forma de aculturação, onde tribos da mesma etnia, porém de culturas ou níveis culturais diferentes, embora muitas vezes semelhantes, se influenciaram. Um exemplo vivo podemos citar na região do Tumucumaque-Acaraí entre as várias tribos karib: Makuchi, Waiwai, Parukoto, Charuma, Tiriyo, Ingarüne, Wáyana, Aparáí etc. Os Tiriyo, por exemplo, tribo Karib da região do Tumucumaque, cujo habitat se estende entre os rios Panamá e Parú de Leste, primeiramente estiveram num nível cultural muito mais primitivo do que as tribos de oeste e de leste, da mesma etnia karib. Receberam grande parte de seus atuais elementos culturais por intermédio dos Charuma e Wáyana.

c) A aculturação intergrupal - Esta seria uma modalidade, onde existe intercâmbio cultural entre grupos (sipes, etc.) diferentes da mesma tribo, porém de nível cultural inteira ou gradualmente diferentes embora sob certos pontos de vista também semelhantes. As divergências nas adaptações intergrupais patenteiam, as mais das vezes, os diversos graus dentro de um processo de aculturação mais amplo de determinada tribo. Outrossim, os diferentes níveis culturais dos grupos de uma tribo dependem da intensidade ou proximidade do foco irradiador de difusão de uma cultura. Como exemplo podemos indicar os vários níveis de cultura e aculturação dentro dos grupos Tiriyo, dos quais ainda temos que falar.

² O termo "etnia" não é tomado aqui em sentido puramente racial ou cultural, mas baseia-se, predominantemente, em distinções de classificações linguística, como Karib, Aruak, Tupí, etc.

Em aplicação direta aos Tiriyo³ podemos dizer que parecem entrar em consideração somente a segunda e terceira modalidade de aculturação: a intertribal e a intergrupal. Uma aculturação entre os Tiriyo e grupos de outra etnia não existe no presente. Também para o passado, a tradição indígena nada indica a este respeito, embora não seja impossível ou até provável que a mesma tenha havido. Não sabemos, por exemplo se os grupos autóctonos da região eram da mesma etnia dos posteriormente imigrados Aibüba, ancestrais dos Tiriyo; e se estes, primitivamente, eram da mesma etnia dos atuais Tiriyo, descendendo da mesclagem daqueles com outros grupos invasores mais recentes.

Tanto mais se destacam os processos de aculturação intertribal que, mesmo depois dos contactos mais frequentes com a civilização moderna (desde 1960) não foram de todo interrompidos. A mão de alguns exemplos poderemos observar como funcionam estes processos.

Praticamente, os Tiriyo estão emprensados entre dois grupos culturalmente mais desenvolvidos: os Charúma ao oeste, na região do Trombetas e os Wáyana ao leste, território do Parú de Leste. Existem pois dois focos de influência, de irradiação ou difusão cultural, sendo o primeiro, constituído pelos Charuma, mais forte que o outro, formado pelos Wáyana, que se encontram em situação geográfica diametralmente oposta, um ao oeste, outro ao leste. Explica-se daí que os grupos tiriyo ocidentais principalmente os Marahtchó sofrem mais a influência Charúma que os do centro ou do leste; e viceversa quanto aos Wáyana, habitantes da bacia do Parú de Leste. Devido a estes dois focos de irradiação cultural formam-se, correspondentemente, duas "áreas de influências" ou "áreas de difusão". Avançando estas de lados opostos e dependendo da aceitação dos elementos culturais difundidos, estas áreas, as vezes, nem se tocam, deixando no centro grupos indígena não-influenciados nem por uma nem pela outra das duas tribos mencionadas. Em outra circunstância, as áreas se tocam, delimitando-se mutuamente. Mas em ambos os casos originam-se áreas de influência exclusivas, onde um elemento difundido ainda não penetra na zona de difusão oposta. Num terceiro caso, porém, traços de uma área avançam sobre a outra, resultando numa superposição parcial dessas áreas de difusão. Nota-se desta maneira um avanço progressivo da difusão dos vários elementos culturais, dentro de um território tribal, até a sua completa extensão e (pre-) dominância, abrangendo no fim deste processo o total da tribo.

Exemplifiquemos agora estes vários aspectos.

³ A falta de citações para efeitos comparativos se prende ao fato de ser absolutamente ausente, na literatura etnológica, referência especificada a estes grupos sendo o material aqui usado de observação no campo pelo autor. Temos apenas obras de caráter geral e principalmente voltadas para descrição da ergologia destes grupos de que se destacam os trabalhos de Roth (1924: *An Introductory Study of the Arts, Crafts and Customs of the Guianas Indians*), Gillin (1948: *Tribes of the Guianas*, in: *Handbook of South American Indians*, Vol. III), Koch-Gruenberg (1909-1910: *Zwei Jahre unter den Indianern. Reisen in Nord-westbrasilien; 1917-1928: Vom Roroíma zum Orinoco*), Speiser (1926: *Im Duester des brasilianischen Urwalds*), Ahlbrinck (1931: *Encyklopaedie der Kariben*), De Goeje (1906 e 1910: *Bijdrage tot de Ethnographie der Surinaamsche Indianen*), etc.

No primeiro caso, tratando-se de áreas de difusão diferentes que não se tocam, os elementos culturais podem ser exclusivos a cada um dos grupos influenciadores, ou comuns a ambos. Assim por exemplo os grupos tiriyo ocidentais incorporam em seu equipamento cultural vários elementos charuma que nas regiões centrais e orientais da tribo não se encontram: certos tipos de braceletes de ouriço de castanha, certos tipos de trançados, trempes de barro, etc. Estes elementos, até hoje, não passaram do limite do Panamá-Marapí, não se encontrando-os dali para o leste. Outrossim, certos tipos de vasos zonários de dois bôjos, certas formas de trançados de prender formigas para uso cerimonial, vários tipos de pintura corporal e facial (o losango aberto), provindo dos Wáyana, só se encontram entre os Tiriyo do leste, e a área de difusão destes elementos não chega até os grupos centrais e ocidentais.

Por outra, pode haver casos, onde elementos, comuns a ambos os focos de difusão, influenciam independentemente, dando á primeira vista, uma falsa perspectiva do processo de difusão, como se esse saltasse de um externo ao outro, sem atingir os centros. Olhando, porém, pelas áreas de difusão do dito elemento, vê-se que, de fato, foram irradiados independentemente por dois focos diferentes, não atingindo por isso mesmo os grupos centrais. Um caso destes encontramos no torrador de beijú. Originariamente, o torrador dos Tiriyo era uma lage de pedra e como tal existe ainda nos grupos centrais entre os dois Parú, de Oeste e de Leste. Nas zonas extremas encontramos, porém, o torrador de barro cozido. Na área de Oeste, êle provém da influência charuma, na do Leste da dos Wáyana. Ambas as tribos possuem êste torrador cozido como elemento cultural próprio que não se distingue a não ser em alguns pequenos detalhes como são os tipos de beira ou certos desenhos, riscados na superfície do torrador, mas não por sua forma típica de disco.

Para o segundo caso alegado, o de áreas de difusão que se tocam sem se interpenetrarem, citaremos como exemplo a cabeça de fuso para fiação de algodão.

A cabeça de fuso tipicamente tiriyo, de costelas de osso ou de espinhas de peixe, como também a de osso de coatá cortada em forma de "X", praticamente não está mais em uso. No oeste, região da influencia charuma, foi adotado o tipo ingarune charuma: cabeça de fuso de osso de coatá ou de jacarétinga cortada em forma de meia lua ou de ponta de duas farpas. Na região central e leste dos Tiriyo, os tipos antigos, próprios, também foram substituídos, mas pelo tipo wáyana: cabeças feitas de madeira com fenda longitudinal, cortada na própria haste de fuso. Este último tipo não se encontra na região tiriyo oeste, do Panamá; e viceversa, o de osso em forma de meia lua não chegou a expandir-se além do Parú de Oeste. Trata-se, pois, de duas zonas de influência que se tocam, porém sem interpenetração.

Finalmente para o último caso, o da interpenetração de áreas de difusão, o arco tiriyo é um exemplo clássico. "Todos os três grupos: tiriyo, wáyana e charuma possuem um tipo de arco próprio. O tipo tiriyo, arco de costa chata, encontra-se em toda a extensão do território tiriyo. O tipo charuma, arco de

costa cavada, tem a maior difusão na região oeste abrangendo ainda o setor central do Parú de Oeste, enquanto o tipo wáyana, arco de corte transversal circular, é mais frequente na região leste, inculindo também o Parú de Oeste. No setor central coexistem, pois, todos os três tipos de arco. Quanto mais para o leste, diminui a difusão do arco Charuma e viceversa: quanto mais para o oeste, desaparece o arco tipo Wáyana.⁴ Destaca-se portanto, neste processo de interpenetração ou superposição de áreas de difusão cultural uma região central onde os vários elementos culturais, difundidos pelos dois focos, juntamente com os tradicionais do próprio nível cultural, se acumulam. Aí as forças aculturativas se tornam mais intensas e portanto mais atuantes. Forma-se assim um novo foco cultural em que, da integração e amalgamação dos vários elementos, surge um novo tipo cultural. Instala-se um processo seletivo que, reunindo os três tipos culturais básicos, tiriyo, charuma e wáyana, integra num todo o que melhor se adapta às necessidades de tribo, dando origem, se nos fôr permitido expressar-nos assim, a um novo "fenótipo" cultural, na mesma base cultural dos karib. Os Tiriyo do Parú de Oeste, ao que nos parece, se achavam numa fase inicial deste processo, o qual, porém, foi interrompido, em parte, pelos já mencionados contactos com a civilização.

Embora haja essas áreas de difusão, às vezes mais ou à vezes menos bem definidas conforme a aceitação dos vários elementos culturais, é mister constatar que os processos de aculturação intertribal não se operam uniformemente em todos os grupos e todos os lugares com a mesma intensidade e força de penetração. Está visto que os grupos mais próximos ao foco de irradiação ou difusão são mais atingidos por processos aculturativos que outros grupos mais afastados ou centrais. Surge daí uma certa desigualdade de níveis culturais entre os grupos da própria tribo que pode causar até um certo desequilíbrio social entre os grupos que são mais e outros que são menos aculturados ou desenvolvidos; contrastes que se manifestam em comportamento e linguagem, em expressões equivalentes a "bons, bonitos" e "brabos, selvagens", atitude que corresponde aos nossos termos de "adeantados" e "atrasados", de "gente culta" e "camponez" ou, em ambiente amazônico, de "gente da cidade" e "caboclo", "centreiro" e "varjeiro etc. Casos assim observam-se frequentemente dentro da própria tribo tiriyo, entre grupos em níveis diversos e, dependendo daí em apreciação diversa. Temos ali grupos como os Wa'ya'ma (Wáma), Tiriyometésê e mais alguns outros que, embora vivendo ainda num nível cultural de nômades neolíticos, sem cerâmica, sem agricultura etc., são reconhecidos pelo grosso da tribo como verdadeiros Tiriyo. Mas são "óide=brabos"! (Isto é: primitivos, atrasados). Encontramos ainda Tiriyo, adaptados a outros grupos tiriyo em um nível cultural já um pouco mais elevado, aculturando-se integradamente. Estes, no conceito indígena, são "pía óide=um pouco brabos" ou "pía kuré=só pouco bons"! Observamos também grupos tiriyo em aculturação intertribal com

⁴ Protásio Erikel, "Fases culturais e aculturação intertribal no Tumucumaque", *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*: — Antropologia N° 16:9. Belém, Pará, Brasil, 1961.

outras tribos da mesma etnia karib, com os Wáyana por um lado e os Charuma por outro. Estes são "kuré, kuráno=bons, bonitos"! E encontramos também grupos que além dessas influências mútuas sofrem ainda influências de outras fontes, indiretamente pelos contactos com os bush-negroes de Suriname, ou diretamente por missionários protestantes no lado holandês e o pessoal da Força Aérea Brasileira (FAB) e missionários católicos no lado brasileiro. Há também grupos que além dessas influências mútuas sofrem ainda influências de outras fontes, indiretamente pelos contactos com os bush-negroes de Suriname, ou diretamente por missionários protestantes no lado holandês e o pessoal da Força Aérea Brasileira (FAB) e missionários católicos no lado brasileiro. Há também casos em que as várias modalidades de aculturação podem manifestar-se num só grupo. Os Aramichó por exemplo. São malamente aculturados a um nível médio dos outros grupos tiriyo. Hoje eles mesmos se sentem superiores aos seus vizinhos mais "primitivos" os Wayarikuré, Tiriyo-metésê etc. Sentem-se em certo pé de igualdade com os grupos aibüba (aramagóto), arimihóto etc. dos centros e das florestas entre os dois rios Parú, o de Leste e o de Oeste. Estão num nível um tanto inferior aos grupos do Oeste, mais influenciados pelos Charúma. Durante a última geração, porém, eles mantiveram estreitas relações com os Wáyana, cuja cultura, atualmente, age de um modo mais efetivo sobre eles. Além disto, o contacto com os Dyuká deixa também seus vestígios na vida e cultura do grupo. Considerando-se assim o total deste desenvolvimento entre os vários grupos, pode-se constatar que não há fases ou estados estritamente definidos, nem consecutivos, nem paralelos, mas que as várias modalidades aparecem num estado mais ou menos fluente, realçando às vezes dentro de um grupo certos elementos aceitos e negligenciando outros. Observamos por exemplo vários grupos que dominam perfeitamente a técnica de trançados de arumã e produzem peças realmente belas; a sua cerâmica é de qualidade inferior. Em outros grupos desta mesma tribo, a cerâmica é um tanto melhor, mas em compensação o seu artesanato de tecidos de miçangas é rude. Destes e de outros exemplos semelhantes podemos tirar a conclusão que a aculturação intertribal não se processa por igual, pois não avança como uma frente cerrada. Os vários níveis de aculturação intergrupala mostram justamente o caráter seletivo e complexo do fenómeno. Com o tempo forma-se assim uma nova homogeneidade cultural. As várias fases do processo são, pois, em termos mais extensos, o índice do desenvolvimento da aculturação intertribal.